



O TRIBUTO DE SANGUE DA FEB

John Hoyt Williams

Ocupando oito páginas fartamente ilustradas com fotografias, a revista americana Army (volume 35, número 7, edição de julho de 1986) publicou um artigo assinado por John Hoyt Williams. Sob o título The Bleeding of the FEB, o autor faz um resumo histórico da Força Expedicionária Brasileira, apresentando, como sinopse, a seguinte citação:

"Sem ter sido cantada em seu País ao partir para a guerra, pobremente equipada e desprezada pelos aliados a que se integrou, a Força Expedicionária Brasileira saiu-se muito melhor contra os alemães, que nas guerras políticas domésticas criadas em torno do seu licenciamento, tão logo retornou triunfante."

A tradução desse artigo é, agora, apresentada à apreciação dos leitores de A Defesa Nacional, que agradece a tradução feita pelo Cel R-1 Virgílio da Veiga.

Em 1960, uma equipe de militares brasileiros viajou para Pistóia (Itália), cumprindo uma missão de reverência nacional: exumar os restos mortais de mais de 500 compatriotas que tombaram sob o fogo alemão, na 2ª Guerra Mundial, e trazê-los para o recém-construído monumento aos brasileiros mortos na guerra, no Rio de Janeiro. De linhas modernas, o monumento foi erigido a pequena distância da Praça Paris, de onde aqueles jovens partiram, em 1944, para combater os nazistas.

Dominado pelo governo autocrático de Getúlio Vargas desde 1930, o Brasil não estava propenso a entrar na guerra, nem mesmo depois de os Estados Unidos nela se terem envolvido. A partir de 1942, entretanto, Vargas começou a manobrar no sentido de forçar um acordo de concessões aos Estados Unidos e de modernizar as negligenciadas e um tanto anacrônicas Forças Armadas Brasileiras. A opinião pública, apenas ligeiramente antigermânica quando a guerra começou, sentiu-se ultrajada, quando um submarino alemão pôs

a pique o cargueiro *Buarque*, ao largo da costa da Virgínia, em 16 de fevereiro de 1942. Na tentativa de intimidar o Brasil, submarinos germânicos afundaram mais três embarcações nas semanas seguintes, e mais quatro em maio, ao largo da costa americana.

Como a opinião pública, no Brasil, começasse a apoiar a abertura de hostilidades, Hitler deu-lhe um pretexto, enviando um "wolf pack" de 10 submarinos para saquear ao longo da costa brasileira, no verão de 1942. Chegando em agosto, o "wolf pack" agiu com eficiência e, em quatro dias (15 a 19 de agosto), afundou outros navios brasileiros à vista de suas próprias costas, incluindo o *Baependi*, que transportava tropas.

Cerca de 250 praças e 7 oficiais do 7º Grupo de Artilharia morreram no naufrágio e as Forças Armadas do Brasil clamaram por vingança. Os civis encontraram seus próprios motivos de ofensa, já que seis dos navios afundados transportavam centenas de peregrinos, a caminho de um congresso eucarístico, e muitos dos mortos eram mulheres e crianças.

O Presidente Vargas não pôde ignorar por mais tempo o clamor da nação em favor da guerra. Ele e seu Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, consideraram que uma ativa participação no conflito poderia, talvez, elevar o Brasil a uma melhor posição de poder no mundo do pós-guerra, ao contrário da adoção de uma passiva beligerância (permissão de uso de bases aéreas e navais aos americanos).

Em outubro de 1942, Vargas declarou guerra ao Eixo. Unidades navais brasileiras começaram a realizar operações para proteger o Atlântico Sul e uma comissão conjunta Brasil-Estados Unidos foi criada, com escritórios em Washington e no Rio de Janeiro. O General Leitão de Carvalho, chefe da comissão em Washington, passou a agir intensamente, para que desse certo um plano de concessões, e começou a pressionar, para que tropas brasileiras fossem aceitas no teatro de operações.

O General George C. Marshall, Chefe do Estado-Maior do Exército, e outros americanos influentes foram céticos quanto ao emprego de qualquer tropa de combate latino-americana, em face de problemas logísticos e lingüísticos — poucos oficiais americanos falavam português. O Presidente Franklin D. Roosevelt, entretanto, que conferenciara pessoalmente com o Presidente Vargas em Natal, em janeiro de 1943, foi de pronto favorável à aceitação da oferta brasileira. Em parte, ele foi influenciado pela posição estratégica do Brasil (sem suas bases navais e aéreas, a invasão aliada ao norte da África seria grandemente dificultada) e pela dependência das exportações de produtos agrícolas e de matérias-primas brasileiras. O Brasil era, em suma, um aliado a ser cortejado e não ofendido.

Na primavera de 1943, uma equipe do Exército Americano visitou o Brasil, para observar manobras do Exército Brasileiro e, de acordo com seu relatório oficial, ficou bem impressionada, a despei-

to da ausência de armamentos modernos. A esse tempo, centenas de oficiais brasileiros recebiam instrução nos Estados Unidos e quatro esquadrilhas da "US Navy's Fleet Air Wing 16" voavam, decolando de bases situadas no saliente do Nordeste do Brasil.

De início, Vargas e seus generais planejaram a remessa de um corpo de exército para a guerra — cerca de 100.000 homens (três divisões de infantaria e uma divisão blindada), mais um grupo de bombardeiros. A marcha da guerra, contudo, foi mais veloz que a mobilização e a instrução dos brasileiros. No fim, ficou decidido que uma única divisão seria empregada, junto com um esquadrão de reconhecimento e uma esquadrilha de caças, para servirem sob comando superior americano. Os pilotos começaram a treinar em Orlando, Flórida, em janeiro de 1944, com os novos caças P-47 e os "Piper Cubs". Mais infantaria e mais esquadrilhas estariam disponíveis para serem empregadas, se necessário.

Essa primeira divisão foi formada com unidades vastamente dispersas. O 1º Regimento veio da Vila Militar, no Rio de Janeiro; o 6º Regimento, de São Paulo; o 11º Regimento, de Minas Gerais; o 9º Batalhão de Engenharia, de Mato Grosso, e os três grupos de artilharia (de 105 a 155 milímetros), do Rio de Janeiro e de São Paulo. Oficialmente criada em agosto de 1943, a divisão necessitaria de um ano para realmente tornar-se instruída e pronta para o serviço.

Cincogenerais a quem foi oferecido o comando da Força Expedicionária Brasileira criaram dificuldades, antes que o General-de-Divisão João B. Mascarenhas de Moraes aceitasse a responsabilidade de comandá-la, em novembro de 1943.

A instrução como grande unidade começou somente em janeiro de 1944, com a assistência de uma equipe de militares americanos. Ela foi diferente de qualquer coisa que os brasileiros já tivessem experimentado, porquanto eles não tinham tido qualquer ação de combate, ao nível de grande unidade, desde a Guerra do Paraguai, quase um século antes, e o escasso armamento americano disponível não lhes era familiar.

O problema lingüístico agravou a situação para americanos e brasileiros, e os intérpretes arrumados pelo capelão batista brasileiro John Sorey incluíam o estudante Thomas Donkin Queiroz, de New Bedford, Massachussets, pescador de descendência portuguesa com dialeto peculiar, e o 2º Tenente da FAB John Richardson Cordeiro e Silva. Extremamente úteis, como lingüistas e diplomatas, foram o Tenente-Coronel Newton Estillac Leal, um brasileiro diplomado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos, e um jovem americano, Tenente Vernon A. Walters, mais tarde Tenente-General e, hoje, Delegado do seu País nas Nações Unidas.

Mal a instrução teve início, o General Mascarenhas e seu estado-maior visitaram o Exército Ameri-

cano, no norte da África e no sul da Itália. Ali eles conheceram um pouco da guerra na qual lutariam. Vernon Walters foi incorporado à comitiva brasileira, como intérprete, e cedo passou a ser o oficial de ligação americano junto à FEB.

Em 24 de maio de 1944, após um período mínimo de instrução, a FEB desfilou orgulhosa, como uma grande unidade, pelas avenidas do Rio de Janeiro, atraindo uma das maiores multidões da história da cidade. Malgrado o que apresentou, durante a parada, a FEB não era ainda uma divisão inteiramente amadurecida, mas um grupo de cinco escalões (cada um de aproximadamente uma força-tarefa, valor regimento reforçado), ainda sobremodo carente de equipamento. Cada escalão seria embarcado para a Itália individualmente. Ironicamente, o Presidente Vargas, discursando para a FEB, em seguida à parada, tinha-lhe dito que não temesse a respeito do futuro, porque todos os cuidados tinham sido tomados para que ela não sentisse falta de nada. Os homens da FEB sabiam que Vargas estava sendo falso.

Na noite de 29 de junho, à guisa de uma manobra especial noturna, os 5.081 oficiais e praças do 1º escalão, mais o General Mascarenhas e seu estado-maior, foram, dissimuladamente iludidos, postos a bordo do *General Mann*, um navio transporte de tropa ancorado, havia algum tempo, no Porto do Rio de Janeiro. Nenhum último adeus foi proferido ("se afrouxar os lábios, o navio afunda"), nem

foi permitido aos homens escreverem notas ou cartas em terra.

Depois de permanecer transpirando, ancorada que ficou por vários dias, a FEB finalmente partiu, a 2 de julho de 1944, chegando a Nápoles exatamente duas semanas depois. Foi uma experiência humilhante para o General Mascarenhas e seus comandados. Eles foram desembarcados sem armas, veículos, sacos de dormir, barracas, equipamento de cozinha e outros apetrechos básicos, todos os quais ficaram de lhes ser fornecidos no teatro de guerra. Desse modo, os brasileiros aparentavam, em terra, um aspecto pouco marcial. Mas pior foi ter que passar a primeira noite na Itália desabrigados e expostos ao frio, na empoeirada cratera do vulcão extinto Astronia. Nessa noite, seu humor poderia chamar-se de "humor sujo". Quando marchavam para esse bizarro bivaque, foram alvo de zombarias, de apupos e de lixo, atirados por napolitanos hostis, que confundiram brasileiros desarmados com prisioneiros de guerra.

Os febianos foram, a seguir, transferidos para um campo de instrução, nas proximidades de Bagnoli, onde receberam algum armamento e equipamento, bem como palestras sobre guerra de minas e armadilhas. Qualquer que tenha sido o efeito das palestras sobre o seu moral, os brasileiros estavam profundamente desapontados, por saber que receberiam fuzis Springfield M1903, quando os americanos usavam o M1, que tinha sido a eles prometido.

Em outro campo de instrução,

ao norte de Roma, foi distribuída, à FEB, uma verdadeira montanha de equipamentos americanos, muitos dos quais lhe eram desconhecidos. Aí ela recebeu instrução durante três semanas, ministrada por equipes americanas, e foi também visitada pelo comandante do V Exército, General Mark W. Clark, e pelo Major General Willis D. Crittenger, a cujo IV Corpo ela iria se juntar. Os dois generais tiveram excelente impressão do General Mascarenhas e dos seus comandados.

Em curta cerimônia, no dia 5 de agosto de 1944, o 1º escalão foi incorporado formalmente ao V Exército. Precisamente duas semanas após, o Primeiro-Ministro britânico Winston Churchill visitou os brasileiros, dando-lhes boas-vindas e agradecendo-lhes em caloroso discurso.

A FEB recebeu muitas outras visitas, pois o contingente brasileiro era considerado exótico, mesmo com a presença de franceses livres, polacos, bretões, canadenses, gregos e sul-africanos no teatro de operações.

Ficou decidido que o grosso do 1º escalão, sob o comando do General Euclides Zenóbio da Costa (comandante da Infantaria Divisionária da FEB), entraria em linha em meados de setembro. Fazendo parte da FT45, ele recebeu seu batismo de fogo no vale do Rio Sercchio. Ali os brasileiros tiveram suas primeiras baixas e fizeram seus primeiros prisioneiros de guerra.

Após cinco dias de atividades contínuas e variadas, os homens

do General Zenóbio tiveram a satisfação de receber outra vez o General Clark. Ele elogiou a coragem dos brasileiros e inspecionou o Destacamento. Alguns dias após, chegou o Ministro da Guerra do Brasil, General Eurico Gaspar Dutra, que participou de uma breve e simbólica cadeia de comando, antes de retornar para fazer seu relato ao Presidente Vargas.

O vale do Rio Sercchio era, ao menos de início, o sítio ideal para oferecer à FEB uma limitada experiência de guerra, dando tempo aos brasileiros para se ajustarem às novas condições do combate e ao seu novo armamento.

O General Mascarenhas sentiu-se eufórico, ao ter conhecimento de que o 2º (5.133 oficiais e praças) e o 3º (5.243) escalões de sua divisão saíram do Rio em 22 de setembro de 1944. A 4 de outubro ele, pessoalmente, recebeu o Major Nero Moura, o oficial que trouxe o 1º Grupo de Caça Brasileiro para Livorno, com seus P-47 Thunderbolts. Poucas semanas mais tarde, o Capitão João Afonso Fabrício Belloc e seu 1º Esquadrão Brasileiro de Ligação e Observação se juntariam aos pilotos do Major Moura.

Outubro trouxe ventos frios pouco comuns para os soldados brasileiros mas, até seus últimos dias, poucas ações importantes ocorreram. Eles passavam os dias aprendendo, com instrutores americanos, os segredos da arte de patrulhar, localizar armadilhas e desativá-las.

Em 30 de outubro, o General Mascarenhas e seu estado-maior,

nele incluído o Coronel Humberto de Alencar Castelo Branco (oficial de operações) reuniram-se com o General Clark, para discutir o papel da agora ampliada FEB. E o General americano deu, ao General Mascarenhas, a ordem que ele tanto queria ouvir. A FEB poderia ser empregada e sua frente expandida com os novos escalões vindos de suas áreas de instrução. Animado e orgulhoso, o comandante brasileiro regressou para aprontar sua tropa.

Na mesma noite os alemães, pesadamente reforçados com batalhões SS, lançaram um grande ataque, sorradeira e silenciosamente, protegidos pela escuridão, em esquadras de assalto, lançando granadas nas linhas brasileiras. Apanhados de surpresa (como o foi a 92ª Divisão de Infantaria Americana) os brasileiros, não obstante, resistiram tenazmente, até receberem ordem de recuar, na manhã seguinte. O recuo fez-se em ordem e o ataque alemão caiu no vazio.

Fazendo o balanço, no dia seguinte, o General Zenóbio constatou que a FEB tinha suportado cerca de 300 baixas em sua estréia no combate moderno. De outro lado, ele podia informar também ao seu presidente que seus homens tinham, em outubro, infringido severas baixas ao inimigo e feito 208 prisioneiros. Eles estavam pagando pelo menos tão bem como receberam.

Contudo, a despeito dessa estatística favorável, o moral da FEB não era alto nas proximidades de novembro. O assalto ale-

mão (e a falha em preveni-lo) tinha confundido muitos dos seus componentes, fazendo-os duvidar da própria aptidão para a luta. Doenças de várias espécies iam, também, sendo disseminadas na tropical FEB, à proporção que o clima se tornava frio. Para um carioca 60 graus Fahrenheit era frio e, quando novembro começou, a temperatura noturna caiu para 20 graus, ou menos, enquanto a chuva fria e a geada castigavam os homens da FEB.

Movendo-se no vale do Sercchio, sob o fogo pesado das defesas alemãs, a FEB, agora com um efetivo superior a 10.000 homens (com parte dos 2º e 3º escalões trazidos para a frente), logo se viu forçada a parar nas proteções das encostas que barravam Monte Castelo, uma fortaleza natural que os alemães pretendiam manter. Monte Castelo, em posse da 232ª Divisão de Infantaria alemã (mais tarde reforçada pela famosa 714ª Divisão Jäger) tornar-se-ia um símbolo e um cadinho para a FEB.

Em 24 de novembro de 1944, em conjunto com a FT45, a FEB atacou as posições inimigas, mas foi repelida, após pequenos êxitos e maiores baixas. No dia seguinte, sem apoio, os brasileiros tentaram outra vez, com menor êxito e bem maiores baixas. Uma granada alemã matou nove brasileiros, desatentamente juntos e dispostos em arco. Após ligeira pausa, o General Mascarenhas fez nova tentativa, no dia 29, mas embora seus homens tivessem se empenhado com coragem quase suicida, as posições alemãs resistiram. Em parte, as falhas

da FEB decorreram da relativa escassez de armamento pesado. Ela não tinha sido recompletada plenamente com metralhadoras, havia considerável déficit de munição de artilharia 105 e 155 milímetros e não houvera qualquer apoio de blindados. O moral decaiu drasticamente, em curva acentuada, e alguns brasileiros pareciam acreditar que os alemães eram invencíveis super-homens.

A pior experiência do General Mascarenhas, contudo, veio na noite de 2 de dezembro, sob a pressão de agressivas ações de patrulhas alemãs e penetrações, em suas linhas, por tropas de montanha de elite. Com granadas explodindo em suas áreas de retaguarda, algumas companhias de linha, exaustas, entraram em pânico e bateram em retirada. A brecha aberta na frente de combate teria sido aproveitada pelos alemães, não fosse a artilharia dos batalhões da FEB que, excedendo grandemente sua cota de munição, fez retroceder magistralmente o avanço inimigo.

O general brasileiro, descontroladamente indignado, destituiu do comando e rebaixou de posto os três capitães das companhias atingidas pelo pânico e conclamou seus homens a se manterem prontos para um outro assalto a Monte Castelo. Essa 4ª tentativa da FEB de atacar o frígido bastião nazista efetivou-se em 12 de dezembro, dez dias após seu 4º escalão, com 4.722 oficiais e praças, ter desembarcado na Itália. No espaço de horas, o ataque pulverizou-se, resultando nova parada.

Após o assalto de 12 de dezembro, em face do mau tempo e do cansaço, a frente brasileira-alemã estabilizou e se tornou relativamente tranqüila. Ligeiros patrulhamentos, ocasionais barragens e algumas escaramuças mantiveram ocupados ambos os lados. O Capitão Walters, alojado com o Coronel Castelo Branco, passou muito dos dois meses seguintes fora, ensinando os brasileiros a esquiar, burlando as concentrações de artilharia com que os alemães brindavam o quartel-general brasileiro diariamente. Foi uma prova de machismo, para os oficiais da FEB, ignorar os bombardeios e continuar seus afazeres como se nada estivesse acontecendo. E o Capitão Walters tentou imitar seu desleixo.

Na véspera do Ano-Novo, uma real barragem de fogos caiu sobre a FEB. Durante as trepidantes comemorações dos brasileiros pela passagem do ano, alguém ordenou às suas baterias para darem alguns tiros por peça, marcando o compasso da música. Os alemães, que não estavam se divertindo, responderam de volta com tudo que eles tinham, terminando as festividades e quase deixando o quartel-general no escuro.

A esse tempo, o moral da FEB era pouco elevado, a despeito dos elogios do Capitão Walters, realçando a coragem dos brasileiros, diante da elite representada por tropas de montanha veteranas austríacas e bávaras. Sua insistência em ressaltar que o fracasso em conquistar Monte Castelo não representava nenhuma humilhação caía em ouvidos surdos e o Ge-

neral Mascarenhas preparou seus regimentos com severidade para o próximo assalto, o qual não devia falhar.

O ataque, que o General Clark marcou para 21 de fevereiro de 1945, seria feito pela FEB em conjunto com a 10ª Divisão de Montanha Americana e contaria, ao menos, com algum apoio de blindados. Ao notificar aos seus oficiais, ele redobrou as recomendações para o preparo dos seus homens, tanto psicológica como fisicamente.

No dia fixado, após uma estrondosa barragem, o ataque partiu, tendo à testa o 1º Regimento de Infantaria Brasileiro, o Regimento Sampaio, à esquerda do qual estava a tropa de montanha americana. Embora progredisse como planejado, o ataque foi perturbado por um incidente, quando alguns americanos fizeram fogo sobre um pelotão brasileiro, matando um e ferindo uma dúzia de seus componentes. Os brasileiros, indignados, quase partiram para um revide mas, em vez disso, seguiram adiante e, finalmente, tomaram a posição inimiga a ponta de baioneta. Ainda que a pesados custos, a FEB tinha conquistado seu objetivo, sob severas condições de inverno e contra um adversário que parecia invencível. O moral, instantaneamente, subiu ao céu.

Do assalto a Monte Castelo até 14 de abril, exceto pela captura de Castelnuovo, em 5 de março, a FEB e outras tropas aliadas empreenderam uma "defesa agressiva", conquistando alguns terrenos, fazendo prisioneiros e computando

poucas baixas. Os recompletamentos, vindos de Staffoli, onde o 4º e o 5º escalões constituíram um centro de instrução destinado a prepará-los para substituir as perdas de combate, tinham tempo para aprender seu ofício com veteranos brasileiros.

Enquanto isso, no Brasil, a imprensa exagerava a vitória sobre Monte Castelo e predizia que o Brasil seria convidado para sentar-se ao lado dos cinco grandes no Supremo Conselho Aliado, elevando-o, dessa forma, à posição de grande potência. Destinados a sofrerem, posteriormente, uma decepção, os brasileiros alimentavam-se das glórias e hipérboles encontradas nas reportagens diárias da imprensa, falando dos seus jovens guerreiros na Itália.

Bem menos destacada pela imprensa, a esquadrilha de caça da FEB realizava um soberbo trabalho no XXII Comando Aerotático, dando apoio aéreo constante aos seus compatriotas. Liderada pelo Major Moura, a esquadrilha cumpriu a importante marca de 2.560 surtidas. Treze dos seus Thunderbolts foram abatidos em ação, com cinco pilotos mortos, doze foram avariados, mas retornaram às suas bases.

Estatísticas oficiais creditam, aos brasileiros, duas aeronaves alemãs abatidas e a destruição de 13 locomotivas, 1.304 caminhões, 250 carros de assalto, 8 carros blindados, 25 pontes, 85 posições de artilharia, 31 depósitos de suprimentos e 3 refinarias. Essa primeira experiência de combate da Força Aérea Brasileira (à qual fo-

ram cedidas 946 aeronaves durante a guerra, tornando-a a mais poderosa força latino-americana) firmou, para sempre, sua tradição, da forma a mais honrosa possível.

O V Exército lançou sua ofensiva geral em 10 de abril. A FEB, com cerca de 15 mil homens em linha, atacou sem clemência posições germânicas e ítalo-fascistas em Montese — algumas vezes combatendo corpo a corpo (12 a 16 de abril), com o custo de mais de 426 baixas — perseguiu o inimigo em retirada e capturou Fornovo, em 29 de abril.

O Esquadrão de Reconhecimento, organizado e equipado com veículos blindados leves, conduziu a perseguição. Ele importunou o inimigo em fuga com tanta tenacidade que, em 29 de abril, a 148ª Divisão de Infantaria Alemã (a primeira a depor as armas na Itália) aceitou a formal rendição, assim como remanescentes da 90ª Divisão Panzer germânica e das divisões Itália e Besaglietre, italianas.

No dia seguinte, o Esquadrão de Reconhecimento aprisionou também parte das divisões Monte Rosa e San Marcos, capturando 18.981 prisioneiros, mais de 1.500 veículos, 80 peças de artilharia, 4.000 cavalos e equipamentos de montanha.

Deixando suas presas com elementos não-mecanizados da FEB, o Esquadrão prosseguiu rapidamente, capturando mais prisioneiros e atingindo Turin, em 2 de maio. Poucos dias depois, fazia ligação com a 27ª Divisão Alpina Francesa, na fronteira franco-italiana.

A FEB permaneceu ocupada militarmente até 20 de junho e, então, embarcou por escalões, de vários portos, de regresso ao lar — o 1º escalão aportando, no Rio de Janeiro, no dia 18 de julho. O General Mascarenhas tinha voado para o Rio alguns dias antes e, quando os orgulhosos veteranos do 1º escalão desembarcaram e desfilaram pelas ruas da agitada capital, receberam agradecidas e gratificantes saudações, não apenas do Presidente Vargas e seus ministros, mas dos Generais Clark e Crittemberger (e Major Walters) que tinham voado para ali, também, naquela ocasião.

Foi um momento de glória superficial para os guerreiros brasileiros e que pouco durou. Um governo autoritário não se sentia à vontade com os febianos que regresavam de uma guerra bem-sucedida contra uma ditadura. Semanas antes, Vargas tinha decidido dissolver, de imediato, a FEB como um todo.

A desmobilização teve lugar no dia da chegada de cada escalão no Rio de Janeiro, para muito da comoção, cólera e amargor dos expedicionários. Os febianos foram dispensados para unidades em todo o Brasil e alguns foram desmobilizados, retornando à vida civil, no mesmo dia do seu regresso ao Rio. Como parte desse desmoralizante e degradante tratamento do governo, o uso dos uniformes especiais dos veteranos foi permitido apenas por oito dias, após seu regresso ao lar. Vargas proibiu, ainda, a formação de grupos ou clubes de veteranos, em mais uma

afronta a tantas injúrias. Em suma, o governo queria esquecer a FEB, que o público se esquecesse dela, que a FEB se esquecesse de si própria.

Ironicamente, Vargas não sobreviveu à FEB por muito tempo. Ele foi deposto, em outubro de 1945, por um golpe militar. A despeito de sua volta ao poder, via eleição presidencial (1951-54), a FEB viveria mais que Vargas. Sua influência foi intensa no após-guerra do Brasil, forjando laços com militares americanos, criando a Escola Superior de Guerra, com assistência americana e, em 1964,

assumindo um papel maior, ao depor o inefetivo regime civil de João Goulart.

O primeiro Presidente dos cinco governos militares que presidiram o Brasil entre 1964 e 1985, foi o General Humberto de Alencar Castelo Branco; todos os cinco Presidentes-Generais desse período implementaram o plano de desenvolvimento do Brasil formulado por oficiais e civis tecnocratas da Escola Superior de Guerra.

Na verdade, poder-se-ia dizer que muito do após-guerra no Brasil foi dominado pela FEB.



Fotografia tirada durante o Curso de manutenção e alinhamento de suspensão de carros blindados ministrado pela NOVATRAÇÃO para Sargentos da Divisão de Material Bélico da 2ª Região Militar

A NOVATRAÇÃO RECUPERA E FABRICA PNEUS À PROVA DE BALA, LAGARTAS, E RODAS DE APOIO PARA VIATURAS

Novatração

ARTEFATOS DE BORRACHA S.A.

Av. Deputado Cantídio Sampaio, 4.714 — Parada de Taipas — Tel.: 841-2322

Telex (011) 38332 NTSP BR — Caixa Postal 8883 — São Paulo — SP — Brasil